

RIKBAK TSA E PORTUGUÊS: ATITUDES LINGUÍSTICAS

Mileide Terres de Oliveira (UNICAMP/IFMT)
mileide.oliveira@jna.ifmt.edu.br

RESUMO

O Brasil possui muitos povos indígenas em seu território. Nesta pesquisa, lançamos o olhar para o povo rickbactsa, habitantes de 34 comunidades indígenas circunvizinhas aos municípios mato-grossenses de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, situados a noroeste do Estado. A proposta de nosso trabalho é de cunho sociolinguístico, da corrente teórica da sociologia da linguagem, no qual buscamos ponderar acerca das atitudes linguísticas dos rickbactsas a partir da situação de contato entre a língua rickbactsa e o português, em que a atitude linguística consiste no *saber sobre a língua e o discurso público sobre a língua*. Para o referido trabalho, enfatizamos o *saber a língua* a partir de uma pesquisa bibliográfica e coleta de dados realizada por meio de um questionário fechado aplicado a 18 colaboradores bilíngues rickbactsas/português. Dos resultados encontrados, enfatizamos que os rickbactsas possuem um *bilinguismo individual*, pois possuem no seu repertório linguístico duas línguas, L1 e L2, sendo a língua rickbactsa e o português. Diante desta situação, a educação indígena é um mecanismo de auxílio para a preservação do idioma nativo nas aldeias, sobretudo da formação de professores indígenas para atuarem nas escolas das aldeias.

Palavras-chave: Contato. Língua rickbactsa. Sociolinguística.

1. Introdução

A situação de diversidade linguística e cultural vivenciada pela etnia rickbactsa, situada no noroeste do estado de Mato Grosso, próxima aos municípios de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, em 34 comunidades indígenas com cerca de 1.411 pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A língua falada pelos rickbactsas leva o mesmo nome de sua etnia. Tal língua é, geneticamente, classificada como pertencente ao tronco linguístico macro-jê (BOSWOOD, 1971; RODRIGUES, 1994). Os falantes rickbactsas estão em contato com a língua oficial brasileira, o português¹⁹⁷, a qual vem cada vez mais influenciando a comunidade indígena, o que resulta também em grandes mudanças na vida social e cultural desse povo.

¹⁹⁷ O português é considerado como a língua nacional oficial, conforme prevê o Art. 13 da Constituição Federal de 1988: "A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil". Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10640315/artigo-13-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 20-06-2015.

A presente pesquisa busca analisar as atitudes linguísticas dos ribbactsas frente à situação de contato linguístico que se dá entre a sua língua nativa¹⁹⁸ e a língua oficial, o português, por meio do aporte teórico sociolinguístico, cuja corrente é a da *sociologia da linguagem*, embasado nos estudos de Joshua Aaron Fishman (1971; 1974; 1995), nas definições de bilinguismo individual e social introduzidas pelos estudos de Uriel Weinreich (2011) e atitudes linguísticas a partir de Schlieben-Lange (1993). Por isso, como objetivos específicos desta pesquisa buscamos: Identificar e analisar as atitudes linguísticas dos falantes bilíngues ribbactsas em relação a sua língua nativa (ribbactsa) e a do outro (português), considerando o *saber sobre a língua*. (SHLIEBEN-LANGE, 1993)

Para alcançar nossos objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica e posterior coletas de dados em que aplicamos um questionário motriz com 26 questões a 18 falantes ribbactsas¹⁹⁹. As coletas de dados foram realizadas na cidade de Juína (MT) quando os indígenas frequentavam o município para realizar seus afazeres pessoais, e, pelas respostas adquiridas, descrevemos a situação de contato linguístico instaurada e analisamos as atitudes linguísticas dos ribbactsas.

2. Atitudes linguísticas: saber sobre a língua (SCHLIEBEN-LANGE, 1993)

A *sociologia descritiva da linguagem* explica as regras sociais da conduta linguística e as atitudes relacionadas à língua de uma comunidade (FISHMAN, 1995), apresentamos neste tópico o *saber sobre a língua* (SCHLIEBEN-LANGE, 1993) como uma atitude linguística. Para atingir tal propósito, perguntamos aos ribbactsas como denominam as línguas que falam e todos responderam:

1.1: *Ribbactsa e português.*

1.2: *A nossa língua ribbactsa e o português.*

1.3: *Ribbactsa e português.*

¹⁹⁸ *Língua nativa* ou *idioma nativo* é entendido neste trabalho como a língua ribbaktsa, falada pela etnia ribbaktsa em estudo.

¹⁹⁹ Todos os colaboradores assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), assim como os menores de idade tiveram os TCLEs assinados pelos pais ou responsáveis. O Comitê de Ética da UNEMAT aprovou a execução da pesquisa. Conforme CAAE: 19129113.7.0000.5166 – Parecer 890.225. Data da relatoria: 12/11/2014.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2.7: *O nosso idioma, ricbactsa e o português.*

2.8: *Eu falo em português e falo na língua.*

2.9: *Ricbactsa, o nosso idioma e também o português*

3.13: *Ricbactsa e português.*

3.14: *O português e ricbactsa.*

3.15: *Português e ricbactsa.*

A partir destas respostas, apontamos a concepção de *saber sobre a língua*, observando que nossos entrevistados são conhecedores do seu falar, ou seja, do seu idioma nativo: a língua ricbactsa, mas também reconhecem outra língua que não é a nativa de sua etnia: o português. Os colaboradores reconhecem a coexistência dos dois sistemas linguísticos na mesma comunidade.

Perguntamos aos entrevistados como aprenderam a língua ricbactsa. E eles responderam:

1.3: *Com **minha mãe**, na aldeia mesmo, sempre fala o idioma.*

1.4: *Com **minha mãe**, na aldeia.*

1.5: *Me interessei, dai **meu pai me ensinou**, mas os **mais velhos** também. Eu gostava muito de sentar com eles, **era o rodeio**, só sentava os homens e onde nós combinava o trabalho, a caçada e só no idioma e eu me interessei e aprendi muitas coisas, aprendi a cantar, a fazer o velório, aprendi um pouco a história de passado, de como é o clã, a pintura e as festas. Principalmente nós homens aprendia muitas coisas com o material de artesanato e dai você vê cada tipo de clã que a pessoa é.*

1.6: *Com **meus pais** na aldeia e os **mais velhos** também me ensinaram o idioma.*

2.7: *Aprendi com os **meus pais** e também com os **anciãos**.*

2.8: *Minha **mãe**, meu **pai** e os **mais velhos** também me ensinaram.*

2.11: *Aprendi com **minha mãe**, **meu tio** e os **mais velhos** da aldeia.*

2.12: *Aprendi com minha **mãe** e **meus avós** também.*

3.13: *Aprendi **na escola**, com as cartilhas. E as **pessoas mais experientes** que falavam no idioma com nós.*

3.14: *Aprendi um pouco com os **meus pais**, os **mais velhos** também falam e na **escola** tem as aulas de idioma.*

3.15: *Minha mãe me ensina, minha vó também e o professor na aula de idioma.*

3.18: *Aprendi com meus pais, os mais velhos também ajudam e na escola com o professor que ensina nas cartilhas o idioma.*

Os colaboradores dos grupos da 1ª e 2ª geração relatam que aprenderam a língua ricbactsa com os pais e parentes no domínio familiar e os mais velhos na aldeia. O grupo da 3ª geração, por sua vez, aprenderem com os pais, com os mais velhos e na escola nas aulas do idioma, em que utilizam cartilhas elaboradas pelos professores ricbactsas para aprender a língua do seu povo.

Os anciãos são os maiores conhecedores da língua ricbactsa e possuem o interesse de ensinar os costumes, compartilham momentos de conversas e ensinamentos com os mais jovens. De acordo com Aloir Pacini (1999, p. 93), “os homens tomavam a frente na organização das malocas, na caça e no preparo da roça; iniciativas essas prioritariamente masculinas articuladas através do *mykyry* que lhes permitiam um domínio da organização social (...)”. O rodeio, citado pelo colaborador 1.5 H, era um costume do povo ricbactsa, em que os homens se reuniam para planejar seus afazeres e nestes momentos havia a troca de experiências.

O saber sobre a língua, enquanto uma atitude linguística, consiste numa prática linguística que esta intrinsecamente relacionada aos outros elementos que compõe um *saber a língua*, como o domínio e o uso linguístico. A *sociologia descritiva da linguagem* nos auxilia a estabelecer os padrões gerais do uso da língua ricbactsa e portuguesa na comunidade indígena ricbactsa, por meio dos comportamentos linguísticos em relação à língua e seus usuários.

No questionário buscamos descrever a organização social do uso da língua: quando, com quem e onde os ricbactsas usam o português e a língua nativa nos momentos de interação, ou seja, quais os *domínios linguísticos* dos ricbactsas.

O domínio linguístico consiste na organização social do falante no uso linguístico, em que o indivíduo escolhe uma língua para interagir em uma determinada situação (APPEL & MUYSKEN, 1987). Um falante bilíngue pode na sua casa na aldeia durante o almoço com seus pais conversar em ricbactsa ou em português e será compreendido normalmente, mas se ele se deslocar para a cidade e estiver em um restaurante comendo com pessoas do centro urbano ele terá que se comunicar em português, porque são falantes da língua portuguesa e não entenderiam se ele falasse

em ricbactsa. René Appel e Pieter Muysken (1987, p. 27) chamam a atenção para essas *normas sociais gerais*, em que em determinados locais o falante bilíngue é ‘obrigado’ a se comunicar em uma determinada língua para que seja compreendido. Neste caso, na cidade de Juína, com juineneses, os ricbactsas precisam se comunicar em português para que possa haver compreensão de ambas as partes.

Para demonstrar a funcionalidade da *sociologia descritiva da linguagem*, Joshua Aaron Fishman (1995) afirma que os membros de uma mesma comunidade nem sempre utilizam a mesma língua e o mesmo comportamento em relação à língua em todos os momentos de interação social. Para identificar estes domínios linguísticos, perguntamos aos entrevistados qual a língua que eles usam quando encontram seus pais, irmãos, professores ou vizinhos na cidade de Juína (MT) e eles nos responderam:

1.5: *Só falo em português.*

1.6: *Falo mais em português.*

2.10: *Sempre português.*

2.11: *Português.*

3.16: *Só em português mesmo.*

3.17: *Português.*

Todos os colaboradores responderam que sempre utilizam o português.

Em relação ao domínio familiar, perguntamos qual a língua usada entre marido/mulher e pais/filhos, todos responderam que nestas situações de interação a língua mais usada é o português. Entretanto, há algumas exceções:

1.1: *Mais português, as vezes no idioma.*

1.2: *Mais português, pros neto eu to ensinando o idioma, alguma coisa eles já entendem.*

1.3: *A maioria das vezes, mais em português.*

1.4: *As vezes usa o idioma pra se comunica, mas quase sempre é português.*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2.7: *Eu uso mais o português, só que as vezes se tem alguém que entende, eu falo no idioma*

2.8: *As vezes nós fala no idioma.*

2.9: *Um pouco em português e um pouco na língua, mas mais português.*

3.13: *Só português mesmo.*

3.14: *Mais português.*

3.15: *Pelo que a gente percebe é mais português, só os casais mais idosos que usam o idioma.*

O uso linguístico do português é predominante no domínio familiar, mas o grupo da 1ª e 2ª geração relatam que também podem usar a língua ricbactsa, apesar de ser pouco frequente. O saber sobre a língua, para Brigitte Schlieben-Lange (1993), é o reconhecimento que os falantes têm da sua própria língua nativa e também reconhecem aquilo que é diferente a ela, ou seja, a língua do outro.

Uriel Weinreich (2011) afirma que podemos definir o falante bilíngue a partir do seu grau de conhecimento em ambas as línguas e as diferenças existentes entre elas. A língua ricbactsa e o português possuem filiações tipologicamente distintas. A primeira trata-se de uma língua indígena pertencente ao tronco linguístico macro-jê, e a outra é uma língua indo-europeia de características muito diferentes.

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda (1992), antropólogo que conviveu anos com os ricbactsas, já havia identificado em sua tese de doutorado a perda paulatina do idioma nativo, pois a língua utilizada nas aldeias era mais o português, enquanto a língua ricbactsa era pouco falada, sobretudo pela “geração Utiariti”.

Segundo Joshua Aaron Fishman (1971), nos estudos sobre comportamento linguístico, o domínio familiar é fundamental, pois, geralmente, começa na família o incentivo ao uso de uma língua em determinados locais. O domínio é uma esfera social que reúne pessoas por interesses em comum em um ambiente delimitado. Joshua Aaron Fishman (1971, p. 20) afirma que o domínio linguístico é uma “construção socio-cultural abstrata de comunicação”, em que estão relacionados os falantes, os locais, as instituições de uma sociedade, podendo distinguir padrões sociais e comportamentos individuais. A construção desta abstração sociocultural só é possível por meio da análise da escolha que o falante faz do uso da língua nos momentos de interação (*ibidem*).

Uriel Weinreich (2011) afirma que a influência de uma língua sobre a outra pode ser explicada por meio do condicionamento das interações sociais no comportamento da fala dos indivíduos bilíngues, através da relação entre as duas línguas dentro da comunidade linguística. Esta influência pode ser medida por uma pergunta que o pesquisador faz sobre as características do comportamento de fala do indivíduo em alguns discursos, ou seja, sobre a escolha de uma língua em um determinado ambiente. Apesar de não identificar esta relação entre escolha da língua e ambiente de interação como domínio linguístico, o autor já considerava que existiam certos locais em que uma língua era mais utilizada que outra.

Para analisarmos as normas gerais do uso da língua ricbactsa e do português, perguntamos aos colaboradores qual a língua usada no domínio da vizinhança (aldeia), entre amigos (adultos e crianças):

1.3: *Também mais português.*

1.6: *Também, eu ouço só português.*

2.7: *Sempre é mais o português que se fala.*

2.9: *Lá na aldeia eu falo em ricbactsa e português, porque tem alguns que se comunicam na língua.*

3.17: *Só falo em português.*

3.18: *Português.*

Os grupos da 1^a, 2^a e 3^a geração relatam que falam mais o português durante as interações no domínio vizinhança, que seria a convivência na aldeia com os amigos, apesar do colaborador 1.4 do grupo da 1^a geração relatar que conversa em ricbactsa com os mais velhos que sabem o idioma: *os mais velhos conversam e falam na nossa língua*, assim como, o colaborador 2.9 do grupo da 2^a geração afirma que se comunica na língua nativa com aqueles que *só se comunicam na língua*, ou seja, os mais velhos que falam pouco o português. A 3^a geração relata que fala mais o português, pois nota-se que a língua portuguesa é aquela que todos entendem e sabem falar, por isso a comunicação pode ser estabelecida. Em seguida, indagamos o uso linguístico no domínio escolar, entre colegas e professor/aluno:

1.1: *No internato era só português, na aldeia eu não estudei, mas os jovens falam mais português.*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

1.2: *Eu não estudei aldeia, mas todo mundo fala que na escola é mais português.*

1.3: *Na escola tem mais o português.*

2.7: *Usa mais o português.*

2.8: *Também, só português.*

2.9: *Quando os professores ensinam o idioma eles usam a língua ricbactsa.*

3.13: *Mais português, só na aula de idioma que dai usa a língua.*

3.14: *mais português, tem aula que usa as cartilhas, pra aprende o idioma, dai usa a nossa língua.*

Para o grupo da 1ª geração o domínio escolar é o Utiariti, em que aprendiam com os padres e freiras, por isso afirmam que só falavam português, pois era obrigado, e não tinham aula do idioma nativo. Às vezes, conversavam em ricbactsa quando *aparecia algum ricbactsa* (1.4), mas a única escola que frequentaram foi o Internato em Diamantino (MT).

No domínio escolar o grupo da 2ª geração relata que prevalece o uso da língua portuguesa, mas nas aulas de idioma nas escolas indígenas os professores falam a língua ricbactsa para ensinar seus alunos.

No grupo da 3ª geração, prevalece o uso do português, mas usam também a língua ricbactsa nas aulas de idioma, nas escolas indígenas, pois esta geração frequentou as escolas nas aldeias e aprenderam o idioma com professores, mas eles afirmam que: *o professor fala em português e no idioma* (3.18), ou seja, nestas aulas usa-se também a língua portuguesa.

Diante das respostas elaboramos um quadro de atitudes manifestadas pelos colaboradores diante do uso linguístico no domínio escolar:

Quadro (01): Atitudes manifestadas

+ português	+ rikbaktsa
Usa mais o português	Usa a língua
Usam mais o português	Tem aula que usa as cartilhas
	Usa o idioma
	Usam a língua rikbaktsa

A utilização do verbo usar demonstra que a língua possui uma uti-

lidade, algo que se pode usar em um determinado momento e depois opor por outra. Como usamos no dia-a-dia uma determinada coisa ou objeto e depois podemos não usar mais. Diante disso, as respostas dos colaboradores são atitudes tanto do saber sobre a língua, quanto do discurso público sobre a língua, resultante da situação de contato entre a língua ricbactsa e o português, em que aos poucos os indígenas ricbactsas estão abandonando a sua língua nativa.

A *sociologia descritiva da linguagem* propõe que a escolha de uma língua em certos domínios linguísticos pode não ser apenas uma questão de preferência individual, mas também está relacionada às funções que estas relações estabelecem e interferem nesta escolha (FISHMAN, 1995). Para analisar a função que a língua ricbactsa pode ter no domínio religioso perguntamos qual a língua usada na interação entre pastor ou padre/indígenas:

1.3: *Tem a bíblia traduzida em ricbactsa.*

1.5: *No idioma, ritual da lamentação, mesma coisa que velório, e quando esta no final da festa, principalmente o dono da festa que chama o pessoal pra buscar o mingau, a chicha, o biju, a batata, estas coisa, dai fala só no idioma e chama a pessoa pelo nome no idioma.*

2.10: *Lamentação, seca e chuva é tudo o idioma e eu entendo um pouco e acompanho.*

2.12: *ritual nosso mesmo é na língua ricbactsa.*

3.16: *o padre Balduino também falava na nossa língua ricbactsa, mas a missa ele celebrava em português.*

Nos grupos da 1ª e 2ª geração, o domínio religioso trata-se dos rituais realizados nas aldeias, próprios da etnia ricbactsa, em que usam o idioma nativo: *fala só no idioma* (1.5). A 2ª geração ainda afirma: *eu entendo um pouco e acompanho* (2.10), os rituais acontecem na língua ricbactsa e este costume é preservado nas aldeias. O ritual da lamentação é fúnebre e se refere as reclamações e choros que os ricbactsas fazem do falecido

A lamentação é realizada até hoje nas aldeias ricbactsas; este ritual do funeral é preservado pelos ricbactsas. O grupo da 3ª geração relata que apesar de o padre Balduino saber falar a língua ricbactsa, suas celebrações eram realizadas em português, ou seja, a interação entre padres/pastor e os indígenas é estabelecida pela língua portuguesa e o uso

do idioma nativo acontece nos rituais dos ricbactsas, que para eles tem sentido religioso. A escolha de uma ou outra língua reflete a situação de bilinguismo nas aldeias, em que há o uso de ambas as línguas em algumas atividades e a paulatina soberania do português quando algumas atividades são apenas interagidas na língua portuguesa, como por exemplo as celebrações religiosas feitas por padres ou pastores nas aldeias.

Indagamos aos colaboradores sobre o domínio do trabalho, entre colegas:

1.6: *Mais português, quando fazemos artesanato, porque a maioria não conversa mais na língua.*

2.9: *Quando tem aquele que fala mais na língua a gente se comunica no idioma.*

3.16: *Mais português, as pessoas que conheço falam mais português.*

No domínio do trabalho prevalece o uso do português, o grupo da 1ª geração relata que alguns ricbactsas estão deixando de falar o idioma nativo, mas ainda existe alguns que se comunicam pela língua ricbactsa. Nota-se por meio das respostas dos colaboradores, que a língua mais usada nas aldeias é o português, conforme afirma a 3ª geração: *as pessoas que conheço falam mais português* (3.16), então a comunicação é estabelecida pela língua dominante.

Perguntamos aos nossos colaboradores se existe algum lugar na cidade de Juína em que os ricbactsas podem usar apenas a língua nativa para se comunicar. A colaboradora 1.6 relata que, às vezes, na CASAI eles brincam no idioma e conversam entre eles. O indígena 1.5 ainda acrescenta: *A não ser que eu encontre alguém mais velho da aldeia*, se os ricbactsas encontram alguém da aldeia que fala o idioma, pode haver a possibilidade de se comunicarem em ricbactsa.

Para Uriel Weinreich (2011) o bilinguismo individual trata-se do uso de duas línguas (L1 e L2) por um mesmo indivíduo, analisamos que todos os entrevistados usam a língua ricbactsa e o português. Todos os colaboradores sabem a língua portuguesa e o idioma nativo, ou seja, sabem duas línguas, por isso analisamos que se trata de falantes bilíngues que reconhecem a organização social do comportamento linguístico, pois sabem dizer quando é usada uma língua e quando se utiliza a outra.

Diante das respostas coletadas, analisamos que os falantes ricbactsas possuem um *bilinguismo individual*, pois sabem e usam as duas línguas (L1 e L2), sendo que a escolha linguística poderá depender da orga-

nização social do uso linguístico na comunidade, conforme estuda a *Sociologia Descritiva da linguagem*.

Na perspectiva de Charles Albert Ferguson (1974), analisando as diferentes funções das duas línguas, em que o português é a língua dominante, por ser a língua oficial de uso formal, utilizada e ensinada nas escolas. E a língua ricbactsa tem uso informal, ensinada apenas nas escolas indígenas e não é a língua oficial do país. Os ricbactsas podem ser considerados uma comunidade diglósica porque aparentemente o português e o ricbactsa convivem dentro da mesma sociedade de maneira “estável”, mesmo a língua dominante sobrepondo a língua dominada em várias situações. Entretanto, são poucas as situações em que a língua ricbactsa é utilizada, o seu uso é restrito ao domínio familiar em algumas situações em que se encontram os mais velhos e pode haver uma comunicação no idioma nativo e podendo acontecer também no domínio vizinhança, escolar, no trabalho, ou até mesmo fora da aldeia. Neste contexto, não importa onde, mas quem é o interlocutor, ou seja, um falante ricbactsa quando encontra outro falante do idioma nativo pode-se estabelecer uma comunicação em ricbactsa, assim como durante os rituais nas aldeias. Por outro lado, na maioria das situações, a língua predominante na comunicação é o português.

Considerando a definição de Joshua Aaron Fishman (1971) de que a comunidade diglósica pode ser definida a partir do contato entre duas línguas, sem que tenham uma relação genética comum, podendo ter origens distintas, consideramos o caso do ricbactsa, língua indígena pertencente ao tronco linguístico macro-jê; e o português, língua românica, considerada uma língua indo-europeia que se originou da evolução do latim.

De acordo com as respostas dos colaboradores, o bilinguismo individual consiste na existência de duas línguas em um mesmo indivíduo, os ricbactsas sabem o português e o ricbactsa. O bilinguismo social também está presente entre os ricbactsas quando os entrevistados relatam os usos das línguas ricbactsas e português nos domínios linguísticos e nos momentos de interação, em que em algumas ocasiões usam o português e em outras utilizam o ricbactsa, analisando que os ricbactsas vivem uma situação linguística de diglossia e bilinguismo.

Há sempre uma hierarquia quando duas línguas coexistem em um mesmo espaço, um idioma é escolhido para determinados momentos, esta é a base da diglossia. Ambas as línguas, a língua ricbactsa e o portu-

guês, possuem uma relação estável, como no caso do Paraguai apresentada por Joshua Aaron Fishman (1995) em que ambas as línguas (espanhol e guarani) possuem uma distribuição funcional diglössica determinada. Entre os ricbactsas, há uma delimitação funcional de ambas as línguas, em que todos os falantes se reconhecem como bilíngues, e sabem identificar o uso linguístico das duas línguas.

Antes dos primeiros contatos com os não-indígenas, a língua ricbactsa era a L1 do povo, a língua majoritária, que passou a ter o uso restrito em ocasiões específicas, como nos rituais religiosos próprios da etnia ricbactsa, como o ritual da lamentação, e quando é necessário estabelecer a comunicação com um ancião, que ainda detém o conhecimento da língua nativa e sabe pouco o português, ou ainda, em conversas esporádicas entre ricbactsas, em frases soltas que geralmente acontecem no domínio familiar ou nas aulas do idioma nativo nas escolas das aldeias. A língua portuguesa, por sua vez, era inicialmente usada pelos ricbactsas que foram levados ao Utiariti e foram obrigados a aprender a língua oficial do Brasil, o português. A língua portuguesa se propagou e hoje é considerada a língua dominante e a mais usada. Assim, as duas línguas sofreram mudanças no uso linguístico, o comportamento linguístico dos ricbactsas sofreu alterações ao longo dos anos, e estas mudanças propiciaram o surgimento de falantes bilíngues e as situações de diglossia analisadas neste trabalho.

No Brasil podemos pensar na situação diglössica que provavelmente viviam os diversos povos que habitavam o território nacional durante o período colonial e do Império, sendo que um terço da população eram portugueses e os outros dois terços eram africanos, indígenas e seus descendentes. (LUCCHESI, 2015)

No início do século XX, quase 60% da população brasileira era descendente de africanos e indígenas, mais de 75% eram analfabetos e menos de 10% residiam nos centros urbanos. Estas pessoas eram marginalizadas pelos seus falares distante da maneira como a metrópole portuguesa falava. Entretanto, se no Brasil a polarização sociolinguística “deixou de opor línguas distintas – o português da elite colonizadora *versus* as línguas indígenas e africanas dos grupos subjugados – ela ainda se manteve, no limiar do século XX, muito próxima a uma situação de *diglossia*” (LUCCHESI, 2015, p. 88). Neste sentido, a situação diglössica do Brasil seria caracterizada pela coexistência de várias línguas no país, sendo que a língua da metrópole era imposta pela classe dominante, em detrimento à diversidade linguística existente no território brasileiro.

De acordo com Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004, *apud* LUCHESE, 2015, p. 114), o Brasil vive atualmente um *multilinguismo localizado*, pois o português é a língua materna de aproximadamente 98% da população e apenas 1% é composto pelos remanescentes povos indígenas que ainda preservam suas línguas nativas. O restante da população é constituído pelos imigrantes, sobretudo europeus e asiáticos.

3. *Considerações finais*

Desde o início da colonização do Brasil há registros dos contatos linguísticos existentes no território. Com a chegada das populações europeias, africanas e asiáticas, viu-se necessário a aprendizagem da língua dos ameríndios que viviam nas terras brasileiras para poder dominar o seu espaço. Diante desta situação, a metrópole envia para o Brasil a Companhia de Jesus, que tinha como objetivo converter os indígenas à fé cristã. Os jesuítas aprendiam a língua dos indígenas e depois ensinavam a língua portuguesa e os obrigavam a seguir os costumes não-indígenas. Ao longo dos anos, a situação de contato linguístico foi sendo intensificada no Brasil, principalmente pelos fluxos migratórios oriundos da exploração dos recursos naturais. Diante desta situação, na década de 50, surge a *linguística de contato* com o intuito de estudar os fenômenos linguísticos que resultam dos contatos de línguas.

Retomando nosso percurso sobre as atitudes linguísticas dos ribaltsas diante da situação de contato entre a língua nativa e o português, primeiramente descrevemos a visão atual dos ribaltsas diante dos primeiros contatos com os não-indígenas. As primeiras relações não foram amistosas e trouxe muitas mortes por epidemias, sobretudo a malária. Entre 1956 e 1962, foi criado o projeto de *pacificação* com o intuito de amenizar as mortes entre os ribaltsas e os seringueiros. Durante este período, alguns ribaltsas receberam qualificação profissional por meio de cursos para aprender a cuidar dos doentes e saíam com o padre Balduino pelas aldeias para ajudar o povo. Os colaboradores narram que nesta época havia aproximadamente 180 indígenas, eles estavam sendo dizimados, e as crianças órfãs levadas para o Utiariti. Quando o Internato fechou e as crianças voltaram para as aldeias, começaram a acontecer alguns casamentos entre os próprios indígenas, fazendo com que a população aumentasse.

Mesmo assim, houve uma mudança no repertório linguístico dos ribaltsas, pois aqueles que foram para o Utiariti sabiam apenas a língua

nativa e, ao retornar para as aldeias, voltaram falando *mais português*. Os colaboradores relatam que antigamente a língua ricbactsa predominava nas aldeias em todos os domínios, mas com o passar do tempo o português prevaleceu, por isso analisamos que os ricbactsas são bilíngues individuais, porque reconhecem o uso de ambas as línguas, ou seja, possuem um *saber sobre a língua*.

Além disso, há nas aldeias um bilinguismo social, diante da situação de *bilinguismo e diglossia*, pois os colaboradores identificam os domínios linguísticos de utilização da língua ricbactsa e do português. Existe uma organização no uso linguístico, em que os colaboradores revelam a escolha de uma língua ou outra nos momentos de interação. O uso da língua ricbactsa é restrito ao domínio familiar, ou quando se encontram com algum indígena ricbactsa que sabe falar o idioma nativo, e isso pode acontecer em qualquer domínio linguístico, como no trabalho, vizinhança, escolar, familiar ou religioso. Destaca-se o domínio religioso nos rituais próprios dos costumes ricbactsas, em que se utiliza apenas o idioma nativo, como por exemplo o ritual da lamentação, da seca e da chuva. No domínio escolar, os ricbactsas têm a aula do idioma, em que os professores indígenas ensinam a língua nativa por meio de cartilhas e nestes momentos o uso da língua ricbactsa prevalece.

O que mudou desde os primeiros contatos dos ricbactsas com os não-indígenas até os dias atuais foram os usos funcionais das línguas ricbactsas e portuguesa, e conseqüentemente, seus domínios linguísticos. Depois da pacificação e do retorno das crianças órfãos para as aldeias, a situação sociolinguística do povo mudou, tornaram-se uma comunidade diglôssica e bilíngue, o português e a língua ricbactsa estão presentes nos usos funcionais da língua, e o português vem dominando a maioria das interações.

Diante disso, o processo pelo qual podemos sucintamente esboçar neste trabalho diz respeito ao deslocamento da língua ricbactsa que está perdendo seus domínios linguísticos dentro da comunidade linguística ricbactsa. É necessário que sejam criadas políticas linguísticas de preservação da cultura/língua ricbactsa. Por fim, a preocupação em formar indígenas capacitados para ministrar aulas nas aldeias é fundamental para o enriquecimento da própria cultura. O indígena busca uma qualificação profissional voltada para as particularidades de sua etnia, pois deverá retornar às aldeias aquilo que aprendeu em sua qualificação, num processo de valorização da cultura, no caso, a ricbactsa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London: Amsterdam Academic Archive, 1987.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. *Existem realmente indígenas no Brasil?* São Paulo: Perspectiva, 1994. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03/v08n03_11.pdf>. Acesso em: 20. out. 2015.

_____. *Os rimbaktsas: mudança e tradição*. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

ATHILA, Adriana Romano. *Arriscando corpos. Permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os rimbaktsa (macro-jê) do sudoeste amazônico*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BOSWOOD, Joan. *Algumas funções de participante nas orações rimbaktsa*. Série Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). n.3, p. 7-33. 1974b.

_____. Evidências para a inclusão do aripaktsa no filo macro-jê. Série Linguística, *Associação Internacional de Linguística – SIL*, Anápolis, n. 1, p. 67-78, 1973. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publens/ling/AKMcJe.pdf>>. Acesso em: 01-10-2015.

_____. *Citações no discurso narrativo da língua rimbaktsa*. Série Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). n. 3, p. 99-129, 1974a. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/ling/RKDisc.pdf>>. Acesso em: 01-10-2015.

_____. *Phonology and morphology of rimbaktsa and a tentative comparison with languages of the Tupi and Jê families*. 1971. Dissertação (Mestrado em Linguística). Mémoire de maîtrise en Linguistique: Reading University.

_____. *Quer falar a língua dos canoieiros?* Rimbaktsa em 26 lições. Cuiabá: Associação Internacional de Linguística – SIL, Brasil, 1978.

FERGUSON, Charles Albert. *Diglossia*. In: FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema Facure. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FISHMAN, Joshua Aaron. *Sociologia da linguagem*. Trad.: Álvaro Cabral In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure. (Orgs.). So-

ciolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. *Sociología del Lenguaje*. Trad.: Ramón Sarmiento y Juan C. Moreno. Madrid: Cátedra, 1995.

_____. The Relationship between Micro- and Macro-Sociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When. 1971. In: PRIDE, John B.; HOLMES, Janet. *Sociolinguistics*. Australia: Penguin Books, 1971.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias>>. Acesso em: 17-10-2015.

ISA – Instituto Socioambiental. 2014. Disponível em: <<http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3657>>. Acesso em: 17-10-2015.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

PACINI, Aloir. *Pacificar: relações interétnicas e territorialização dos rikbaktsa*. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio do Janeiro.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. *Com Ciência, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, SBPC, Linguagem: cultura e transformação, n. 23, agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br-reportagens-linguagem/ling13.htm>>. Acesso em: 01-10-2014.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da linguística*. Trad.: Fernando Tarallo *et al.* Campinas: UNICAMP, 1993.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.